

ANDERSEN, Mark. **Dance of Days: duas décadas de punk na capital dos EUA.** / Mark Andersen e Mark Jenkins; tradução Marcelo Viegas e Ana Carolina Odinique. São Paulo: Edições Ideal, 2015.

GOMES, Iuri Barbosa<sup>1</sup>.

Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat – Alto Araguaia, MT

O contemporâneo universo informacional oscila entre o supérfluo e o excessivo, entre a apatia política e os arroubos ideológicos que muitas vezes culminam em violência gratuita. A imensa quantidade de informação ora parece anestesiar o senso crítico da sociedade, ora o infla a ponto de alimentar atitudes e ideias opressoras, fascistas. Num cenário como este, o anseio de transformar a realidade tendo como subsídio a música e um engajamento social soa como um discurso demasiado romântico, e talvez o seja mesmo. Porém, é este anseio que permeia *Dance of Days: duas décadas de punk na capital dos EUA* (520 páginas), de Mark Andersen e Mark Jenkins – ambos militantes do movimento *punk* em questão. Para além de um mero recorte histórico de um gênero musical – que por si só já é um grande feito –, o livro traz uma série de relatos que incitam reflexões acerca do atual cenário sociopolítico.

Escrita a quatro mãos, *Dance of Days* é uma obra que não se apresenta sob um manto acadêmico, mas é atravessada por um viés historicista – e em alguma medida, tem um tom didático. A narrativa relata a inicial proximidade do *rock* com as lutas políticas e culturais dos anos 1950 e 1960, tendo como pano de fundo uma América – leia-se: Estados Unidos – apática e envolvida em conflitos, tais como a luta dos direitos civis e a Guerra do Vietnã. O idealismo que alimentou a contracultura sessentista é bem costurado com a percepção de mundo de Andersen e Jenkins, e eles apresentam como a atitude e a sonoridade de bandas seminais como Sex Pistols modificaram a forma de encarar o mundo nos anos 1970.

Em meados dos anos 1970, cabelos longos eram bem comuns entre homens cuja única conexão com a cultura jovem dos anos 1960 se dava

<sup>1</sup> Professor efetivo do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), *campus* de Alto Araguaia. Integra o grupo de pesquisa “Comunicação, Cultura e Sociedade”, da mesma instituição. E-mail: [i.b.gomes@gmail.com](mailto:i.b.gomes@gmail.com). Graduado em Comunicação Social (habilitação Jornalismo) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), mestre e doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-UFMT).

através do restante do seu hedonismo. [...] os anos 1960 tinham acabado, e [...] algo precisava ser feito pelos anos 1970. (ANDERSEN, 2015, p. 28)

A postura de fazer algo para mudar o entorno é emoldurada pelo lema *do it yourself* (faça você mesmo), que permeia as páginas do livro. Não se trata de um discurso panfletário que simplesmente vangloria o *punk* enquanto cultura juvenil urbana, mas lança um olhar sobre a imbricação de guitarras distorcidas com um engajamento político de quem compunha a cena – termo este entendido aqui nos moldes descritos por Will Straw (2004).

São muitos nomes de personagens e de bandas que aparecem na primeira parte do livro – e é isto que dá o tom historicista e didático. Mas o texto não se torna menor por isso, e na verdade ajuda a contextualizar a fagulha da cena descrita – principalmente a quem não é iniciado no gênero. Desde a dificuldade em encontrar locais para se apresentar até o conflito com todos os preceitos que o capitalismo tardio (JAMESON, 1991) trouxe a parte dos jovens norte-americanos, a obra de Andersen e Jenkins retratam o entrelaçamento entre música e política, entre cultura e comunicação.

A primeira parte do livro dissecar a formação de bandas que hoje são referências na música independente – podendo ser destacado um trio: Minor Threat, Fugazi e Bad Brains. Esta se tornou um ícone no gênero, tanto musicalmente como por ser uma banda formada por negros numa cena em que os músicos e entusiastas eram predominantemente brancos. O conflito de gerações (p. 107) e todo o choque que as apresentações das primeiras bandas *punks* causaram é detalhadamente descrito. Tal qual uma grande reportagem, ricamente apurada e ilustrada com imagens em branco e preto, *Dance of Days* apresenta as contradições e a singularidade da cena – incluindo, claro, a relação dela com o espaço urbano, com o *espaço social*.

Um dado que chama a atenção é o distanciamento que a cena *punk* de Washington mantinha do estereótipo associado, em geral, a tríade *sexo, drogas e rock'n'roll*. A banda Minor Threat, por exemplo, ajudou a propagar o que se conhece hoje como *straight edge*, uma postura que prega a abstinência total em relação a álcool, drogas e sexo. Ian MacKaye, vocalista da banda e um dos mais ativos integrantes da cena, diz ser apaixonado pela contracultura dos anos 1960, mas defende uma firme postura antidrogas – indo ao encontro de um dos maiores legados daquele período, a cultura das drogas.

Para além de um catálogo de nome de bandas, discos e músicas, a obra reúne relatos que ajudam a atribuir importância a ações que, numa primeira leitura, pode soar apenas como *espírito juvenil*. A Positive Force, por exemplo, ilustra o alcance do engajamento dos músicos quando o assunto era organizar manifestações de protesto ou simplesmente distribuir informação para que as pessoas pudessem ampliar o senso crítico. Trata-se de um coletivo que surgiu da cena e cujas ações eram em prol de mudanças sociais – estando o grupo ativo até hoje<sup>2</sup>. É neste momento que o livro de Andersen e Jenkins conseguem evidenciar o confronto entre o idealismo *punk* e o espaço onde ele circula. Os autores não citam, mas faz-se interessante ter em mente a conceituação de *espaço* feita por Lefebvre para uma melhor compreensão das duas décadas descritas na obra:

“O espaço não pode mais ser concebido como passivo, vazio, ou então, como os “produtos”, não tendo outro sentido senão o de ser trocado, o de ser consumido, o de desaparecer. Enquanto produto, por interação ou retroação, o espaço intervém na própria produção: organização do trabalho produtivo, transportes, fluxos de matérias-primas e de energias, redes de repartição de produtos. À sua maneira produtivo e produtor, o espaço (mal ou bem organizado) entra nas relações de produção e nas forças produtivas. Seu conceito não pode, portanto, ser isolado e permanecer estático. Ele se dialetiza: produto-produtor, suporte de relações econômicas e sociais. (LEFEBVRE, 2006, p. 07)

141

O que se apreende do livro é a influência do espaço urbano, do *palco social* e das diferentes paisagens sonoras que o compõem no desenvolvimento de uma cena musical *underground*. É possível fazer paralelos com o movimento *punk* paulista ou mesmo com o movimento *underground* cuiabano – cuja origem remonta, também, aos mesmos preceitos *punks* descritos na obra. Mesmo sem declaradamente assumir uma postura acadêmica, percebe-se que a comunicação, para os autores, vai além de algo instrumental, divulgador ou doutrinador. Há um entendimento da natureza comunicativa da cultura, tal qual fala Martín-Barbero (2005): o livro deixa clara a função constitutiva que a comunicação desempenha na estruturação dos processos culturais. Dos zines até os discos independentes, dos jornais alternativos ao visual das bandas, todo processo comunicativo é deslindado pelos autores de maneira fluida e rica em detalhes. Assim, tem-se a construção e a transformação de uma cena

<sup>2</sup> Cf. página do coletivo no Facebook: <https://www.facebook.com/positiveforcedc>

musical que pensa no passado em função do futuro que almeja – não apenas no âmbito musical, mas sobretudo socialmente.

*Dance of Days* é um retrato de duas décadas marcadas pela desilusão de políticas públicas e de um processo acelerado e descontrolado de globalização, tudo envolto por uma casca sonora crua. Joe Strummer, vocalista-guitarrista de uma importante banda *punk* inglesa, o The Clash, deu a seguinte resposta a alguém que o indagou se é possível evoluir para *além do punk*:

Nunca! Veja bem, o punk rock é como máfia. Uma vez que você está dentro, você está dentro. O punk rock não é a roupa ou a música. O punk rock é uma atitude, do tipo ‘não-tente-me-empurrar-qualquer-merda-porque-eu-enxergo-a-raiz-do-problema’. Porque conheço os truques do mundo. Estamos de saco cheio dessa merda. Queremos um pouco de verdade. Essa é a energia do punk.” (apud ANDERSEN, 2015, p. 509)

Não por acaso o prefácio do livro traz uma essencial frase de Paulo Freire: “Lavar as mãos no conflito entre poderosos e despossuídos não significa ser neutro, mas colocar-se ao lado dos poderosos”. Num Brasil cindido entre ideia de direita e esquerda, e num mundo repleto de conflitos bélicos e atentados de toda natureza, o manual ideológico e sonoro que moveu os *punks* norte-americanos, e que é tão bem descrito em *Dance of Days*, soa muito coerente e precisamente urgente nos dias atuais.

142

## REFERÊNCIAS

JAMESON, F. **Periodizando os anos 60**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 81-126.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006

MARTÍN-BARBERO, J. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: Por uma outra comunicação. Dênis de Moraes (org.). 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

STRAW, W. **Cultural Scenes and the Unintended Consequences of Policy**. In: *Loisir et société / Society and Leisure*. Volume 27, número 2, 2004, p. 411-422.